

“É isso o Brasil. Alguém precisa pôr ordem nessa bagunça”: Chico Buarque entre a história e a literatura



Denilson Botelho

Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), onde atua nos cursos de graduação e pós-graduação em História bem como no Mestrado Profissional em Ensino de História. Autor, entre outros livros, de *A pátria que quisera ter era um mito: história, literatura e política em Lima Barreto*. 2. ed. Curitiba: Prismas, 2017. botelhodenilson@gmail.com

**“É isso o Brasil. Alguém precisa pôr ordem nessa bagunça”:
Chico Buarque entre a história e a literatura**

“This is Brazil. Someone has to tidy up this mess”: Chico Buarque between history and literature

Denilson Botelho

BUARQUE, Chico. *Essa gente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 193 p.



Muitas são as portas de entrada para o universo da literatura. Uma delas é a da história social, habitualmente interessada em examinar o texto literário como fonte e documento sobre um tempo histórico específico. Atenta às dinâmicas e engrenagens que envolvem o seu processo de produção, a história encara a ficção literária como ato social concreto, modo pelo qual o escritor intervém na sua realidade e participa do movimento da história¹, o que não o impede de — nem o obriga a — desenvolver outras formas de ação efetiva. Para Judith Lyon-Caen, por exemplo, a literatura é um modo de estar no mundo e de com ele interagir.²

Há tempos já se compreende que a figura do escritor distante da realidade e recolhido na torre de marfim, na qual conceberia a sua criação literária, foi uma estratégia romântica forjada no século XIX para fazer frente ao aprofundamento do sistema capitalista de produção que ameaçava transformar tudo em mercadoria, inclusive a obra literária.³ Desfeito o mito do artista romântico, sabemos que o ofício da literatura não é algo excepcional e restrito apenas aos indivíduos dotados de um gênio criador, mas sim parte da cultura como “algo comum”.⁴ Isto faz da literatura algo atravessado pelo contexto histórico de sua produção.

É o que se pode observar no último romance de Chico Buarque. *Essa gente* é uma mistura de diário ficcional e romance epistolar. Na maior parte do livro, é o narrador Manuel Duarte quem faz registros sobre sua vida, especialmente ao longo do ano de 2019 — embora no início da narrativa haja registros pontuais que retrocedem até 2016. Em outras partes, entremeadas com o

¹ Cf. DUARTE, Adriano e BOTELHO, Denilson. Por uma história social da literatura. In: FONTINELES, Claudia Cristina da Silva, SOUSA NETO, Marcelo de, SILVA, Ronyere Ferreira da e EVERTON, Sthênio de Sousa (orgs.). *Ateliê da História*. Teresina-São Paulo: Edufpi/Mentes Abertas, 2019.

² Ver LYON-CAEN, Judith. *La griffe du temps: ce que l’histoire peut dire de la littérature*. Paris: Gallimard, 2019.

³ Cf. WILLIAMS, Raymond. O artista romântico. In: *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Vozes, 2011.

⁴ WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. In: *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

diário, são reproduzidas cartas de Duarte e de outros personagens que atuam como seus interlocutores na trama.

Aos 66 anos de idade, Duarte atravessa um bloqueio criativo que o impede de concluir o seu décimo terceiro romance. Além disso, convive ainda com o fantasma do sucesso triunfal do seu livro de estreia, o premiado romance histórico *O eunuco do Paço Real*, que teve várias reedições. Depois dele, nenhum outro livro parecia à altura do primeiro. No plano da vida pessoal, o escritor se vê às voltas com graves dificuldades financeiras, que incluem um iminente despejo do apartamento alugado em que vive, além de dois casamentos desfeitos e os consequentes ressentimentos acumulados em decorrência disto. Duarte busca refazer sua vida amorosa, ao mesmo tempo em que nutre certa descrença nos relacionamentos.

Aos olhos do historiador — e de qualquer interessado no campo da história —, *Essa gente* é um precioso documento ou testemunho da história do tempo presente, capaz de motivar reflexões instigantes. E Chico Buarque não hesita em fazer a trajetória ficcional de seus personagens se cruzar com dados concretos da realidade. Nas anotações do dia 15 de janeiro de 2019, por exemplo, o narrador descreve um pesadelo em que estaria a bordo de um avião em pane, sobrevoando em círculos o Rio de Janeiro. O sobrevoo lhe permite vislumbrar vários lugares que fazem parte de sua história na cidade. “É como se, voando em círculos, o avião reproduzisse mais fielmente o trajeto da minha vida, me fazendo rever sempre as mesmas mulheres e os mesmos filmes, voltar aos mesmos endereços, gostar de repetir meus erros” (p. 16). Ao despertar do pesadelo, “acordo enrolado no lençol com a televisão ligada: a partir de hoje, por decreto presidencial, posso ter quatro armas de fogo em casa” (p. 17). Embora não mencione explicitamente o recém-iniciado governo de Jair Bolsonaro, convém considerar que o decreto nº 9.685, em que o presidente flexibilizou a posse de armas de fogo no país, data do mesmo dia 15 de janeiro daquele ano.⁵

Em 3 de abril de 2019, não conseguindo devolver o cachorro de sua ex-mulher depois de um passeio, leva-o para a própria casa. A certa altura, observa: “Deve estar faminto, pois agora abocanha o jornal no chão do banheiro e começa a mastigar notícias: soldados disparam oitenta tiros contra carro de família e matam músico negro” (p. 89). A morte brutal parece ter se tornado tão comum quanto o gesto banal de um cão a rasgar o jornal no chão do apartamento. Aqui, de novo, embora o romance não faça qualquer referência explícita ao fato, sabe-se que naqueles dias de abril o músico Evaldo Rosa dos Santos foi assassinado com 80 tiros quando passava com a família em seu carro na região da Vila Militar, zona oeste do Rio.⁶

São diversas as formas e os trechos do livro em que o autor encontra oportunidade de abordar criticamente o contexto mais recente de nossa história, bem como articula no plano da ficção a denúncia contra a cultura do ódio e da violência responsável, em larga medida, pela vitória eleitoral, em 2018, de uma candidatura indiscutivelmente vinculada com a ditadura instalada no

⁵ Disponível em <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/59109815>. Acesso em 9 abr. 2020.

⁶ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml>>. Acesso em 9 abr. 2020.

país entre 1964 e 1985. O ódio de classe e a apologia da violência, escancarada no enaltecimento da tortura e de um reconhecido torturador, foram propalados pelo atual presidente⁷ e, na trama urdida por Chico Buarque, isso aparece no comportamento, nas atitudes e nas falas de alguns personagens, cujo perfil seria semelhante ao dos eleitores que levaram ao poder esse projeto político de retrocesso que flerta com o fascismo.

Nos registros feitos em 15 de fevereiro de 2019, o narrador descreve um encontro que teve com um amigo com quem estudara no Colégio Santo Inácio e há pouco retomara contato. Saindo do Country Club depois de algumas doses de gim-tônica, Duarte assiste perplexo o colega dos tempos de escola descer do seu carro 4x4 para protagonizar uma das passagens mais fortes e violentas do romance:

Ele já está para embicar na rua quando freia, salta do carro e vem berrando [...]: cai fora, vagabundo!, fora daqui, maconheiro! Com uma expressão transtornada, passa por mim às cegas e se dirige a um homem deitado na calçada, encostado no muro do clube. É um sujeito com cara de índio velho que se levanta com dificuldade, depois de tomar uns chutes nas costelas. Sai caminhando meio cambaleante, seguido pelo Fúlvoio, que ameaça chamar a polícia se ele não sumir de vista. Ao esboçar uma corrida, o índio derrapa e se escora no muro, de onde é arrancado pelo Fúlvoio com um safanão que por pouco não o arremessa no asfalto. O cara fica num cai não cai no meio-fio, dá uma pirueta troncha e, em busca de equilíbrio, se precipita de volta aos tropeções até trombar com o muro, como que a beijar o muro. Isso parece irritar sobremaneira o Fúlvoio, que mais uma vez arranca o índio do muro e o derruba com uma rasteira. Acerta-lhe uns pontapés nos rins, e depois de um chute nas fuças deixa o homem estatelado e arquejante no meio da calçada (p. 47 e 48).

À cena de abominável espancamento reproduzida acima segue-se, poucos dias depois, um registro de outra das mazelas de nosso tempo, em que violência, racismo e homofobia se somam. No dia 25 de fevereiro de 2019, Duarte narra um sonho lúcido, “quando você sabe que o sonho é sonho, mas não consegue ver a saída. Ou vê, mas não quer sair, ou sai e já volta porque aqui fora é o absurdo, ou tem a pretensão de o conduzir a seu bel-prazer, como se você fosse um diretor de sonhos” (p. 53). Descreve o sonho que teve naquela madrugada, no qual teria ocorrido um encontro com uma “mulata alta e airoso na praça Paris”. Duarte leva Ynggrid para sua casa e, após ir ao banheiro, ela

volta só de calcinha, com um volume entre as pernas que poderia passar por um absorvente íntimo protuberante, se eu não o visse palpitar de leve. E agora? E agora não sei. Outro em meu lugar seria capaz de encher de porrada a impostora. Como não sou machista, nem misógino, menos ainda homofóbico, não vou sair no braço com essa mulher-homem, que além de tudo é mais forte que eu. [...] Considero a ideia de experimentar a coisa. Só que não sei por onde começar e ainda preciso recuperar o elã perdido, menos por causa do membro encoberto que pela visão de joelhos tão desconformes. Fecho os olhos, procuro me lembrar dela vestida, quando ela me sapeca um beijo de língua (p. 55).

⁷ Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/08/bolsonaro-volta-a-chamar-ustra-de-heroina-nacional-e-recebe-viuva-no-planalto.shtml>>. Acesso em 9 abr. 2020.



No sonho, os vizinhos expulsam Yngrid do edifício e cercam-na armados de tacos de beisebol, prontos para o linchamento. O tema do racismo também se apresenta em outra passagem em que Duarte é salvo de um afogamento na praia do Leblon, graças ao sargento Agenor, “um negro bonito de presumíveis quarenta anos, se bem que os da sua raça geralmente parecem mais jovens do que são” (p. 60). Tendo ido ao posto de salvamento agradecer ao guarda-vidas, Duarte estabelece com um ele um diálogo que sugere reflexão e autocrítica. Conta a Agenor que é escritor e inventa seus personagens: “No meu livro posso ser quem eu quiser”. Diante disso, Agenor lhe pergunta: “Você no livro é branco ou preto?” Duarte constata que está diante de uma “boa pergunta”: “Percebo que nos romances nunca me preocupei em explicar a minha cor. É curioso que, num país onde quase todo mundo é preto ou mestiço, autor nenhum escreveria “hoje encontrei um branco”, ou “um branco me cumprimentou...”, ou “o sargento Agenor é um branco bonito de presumíveis quarenta anos, se bem que os da sua raça...” (p. 61).

Já no dia 6 de março de 2019, Duarte se depara com um movimento inesperado e incomum de carros de polícia e pessoas aglomeradas na rua onde reside. Ouve dizer que se trata de um assalto com refém. O assaltante rendeu o porteiro e aponta uma arma para sua cabeça enquanto tenta fugir do local.

Está claro que é um amador, não tinha previsto um plano de fuga. Fodeu, diz o moto-boy. Aparentemente a fim de se entregar, o assaltante solta o porteiro e baixa a arma, mas de repente sacode a cabeça e cai duro no chão. Foi um tiro na testa que tomou, disparado talvez de alguma janela vizinha por um atirador de elite. Deitado de costas, se contorce inteiro ao levar mais uns tantos tiros à queima-roupa. Depois que se aquietou, os meganhas continuam baleando o cara, na barriga, no peito, no pescoço, na cabeça, eles o matam muitas vezes, como se mata uma barata a chineladas. Aos hurras e aplausos, os espectadores descem dos prédios e dos carros e correm para o palco da fachada. O policial do megafone retira de um golpe o capuz ensanguentado do sujeito, e na sua cara deformada reluto em identificar meu conhecido, o passeador de cães. A polícia não consegue impedir que os presentes chutem seu corpo, e estremeço ao ver meu filho a se aproximar. Consigo desviá-lo do morto, mas ele só quer se juntar aos policiais, que posam para selfies com seus admiradores (p. 70).

O tema da violência ganha relevo novamente no romance em 10 de junho do mesmo ano, quando Duarte comenta sobre a estátua que Rosane — a segunda mulher com quem se casara — mantinha na sala do seu apartamento, sempre posicionada como se estivesse olhando o mar pela janela: é “o boneco dourado do presidente, agora com um quepe de general” (p. 151). O narrador afirma que “poderia sem esforço esboçar um conto pelo prisma de um general janeleiro” (p. 151). E o esboço do conto é muito eloquente:

São 15h27 de uma segunda-feira. Tirante as crianças e, vá lá, quatro a cinco por cento de turistas, é uma praia apinhada de mandriões. É isso o Brasil. Frescobol, roda de alfinha na beira da água, não é proibido? Quem é que vai pôr ordem nessa bagunça? Vendedores de mate, cerveja, biscoitos de polvilho, espetos de camarão ao arpepio da vigilância sanitária. E viados de tanga. Viado a dar com o pau. Jovens faltam à escola para jogar baralho. Cadê meu binóculo? É um baseado que eles passam de mão em mão. É isso o Brasil. Um preto desata a correr, estava demorando. Dez, vinte banhistas correm atrás. Agarram o preto, vão linchar. Chegam dois PMs pardos e isolam o

preto. É deles o direito de bater no preto. Vão estrangular o elemento. Abrem a boca dele na marra. Devolvem a corrente de ouro para a vítima. É uma morena clara de corpo bem-feito que pega a corrente com asco. Conduzem o preto para a viatura. Será detido. Vai apanhar feito cachorro na delegacia, mas será liberado porque é “dimenor”. Um galalau daqueles, quinze anos de idade, mais um delinquente solto nas ruas. É isso o Brasil. Alguém precisa pôr ordem nessa bagunça (p. 151 e 152).

É isso o Brasil? Chico Buarque tece um delicado e arguto painel dessa gente que compõe a sociedade brasileira nos tempos que vivemos. Uma gente hipócrita que clama pela imposição de uma ordem autoritária sobre uma estrutura profundamente desigual, perversa e opressora. Essa gente que entronizou no poder, a partir do ano de 2019, o retorno à barbárie através do estímulo à violência contra segmentos historicamente oprimidos e desfavorecidos.

Fazendo uso de um estilo narrativo que ora se apresenta através de um diário, ora através de cartas — gêneros discursivos originalmente comprometidos com a descrição factual —, o autor potencializa sua obra de ficção na abordagem de alguns dos mais desafiadores problemas com os quais seus leitores no Brasil estão lidando. Trata-se de um romance que, na sua condição documental, é capaz de dizer muito sobre essa gente que habita o país.

Acosado por casamentos desfeitos, amores frustrados, dificuldades para concluir um novo romance e cercado pela intolerância hipócrita da classe média e dos ricos que habitam os condomínios da zona sul carioca, capazes de insuflar o linchamento público de pretos, pobres e homossexuais, Duarte constrói nessas páginas algo próximo a um registro fotográfico perturbador das nossas desigualdades e contradições sociais, das nossas angústias e inquietações. Se fosse possível imaginar uma trilha sonora para esse enredo, certamente dela não estaria ausente a faixa “As caravanas”, do álbum gravado por Chico na sua última safra de composições musicais, com versos como esses: “Com negros torsos nus deixam em polvorosa/ a gente ordeira e virtuosa que apela/ pra polícia despachar de volta/ o populacho pra favela/ [...] Tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria/ filha do medo, a raiva é mãe da covardia”.⁸ Diante dessa gente que Chico Buarque nos apresenta através de um narrador mergulhado em conflitos existenciais e políticos, resta ao leitor imaginar que outros destinos lhe serão possíveis, diferentes daquele que teve Duarte ao final do romance.

Resenha recebida em 13 de abril de 2020. Aprovada em 28 de abril de 2020.

⁸“As caravanas” (Chico Buarque), Chico Buarque. CD *Caravanas*. Biscoito Fino, 2017.